

## Precisamos falar sobre racismo

A ideia é que esse escrito seja uma carta para meus netos, que são pequenos ainda e que me lembram constantemente da responsabilidade que temos para com nossas crianças, no sentido de transmitir-lhes aquilo que vamos aprendendo com as histórias que nos fazem ser como somos, enquanto humanidade, para que possam fazer seu, aquilo que herdaram e para que possam intervir na história de modo a fazê-la melhor. Espero, contribuir para que nossas crianças sejam antirracistas. Que eu me dirija aos pequenos, me lembra também, da minha própria pequenez diante da complexidade desse assunto.

Começo então, contando que na década de sesenta, numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, tinha algo que despertava a curiosidade daquela menina branca que era carinhosamente chamada de negrinha pelo avô paterno. Era a existência de um lugar chamado Bailanta dos Morenos, que segundo lhe diziam, era frequentado só por pessoas de cor. Como assim, pessoas de cor? De que cor? Morenos. Escurinhos. Pretos. Pessoas de cor eram expressões usadas para os negros que apareciam nas páginas dos livros de história nomeados com a palavra escravos. Antigamente haviam escravos, diziam na escola. E o que eram escravos? Os que trabalhavam nas fazendas, faziam serviços de toda ordem para os seus Senhores. Tinham sido trazidos em navios vindos da África e aqui eram vendidos e levados por seus donos. Donos? Sim, os escravos tinham donos e eles mesmos não eram donos de nada. E comumente, como mostravam as ilustrações vistas nos livros, comumente eram castigados, amarrados num tronco, até sangrar. E seus corpos ficavam marcados de tanto serem castigados. Como é que pessoas podiam ser vendidas e terem donos, assim como coisas vendidas no armazém? E como é que eram amarradas e machucadas com essa brutalidade, assim com gente olhando e não fazendo nada para impedir?

É que isso foi há muito tempo atrás e era normal naquela época. Como algo assim, tão bruto podia ser normal? E quem decidia que isso era normal? Os que se diziam descobridores, que tinham vindo da Europa, que tinham ido buscar os negros na África e trazido eles para essa nova terra que passaram a chamar de sua e da qual passaram a ser colonizadores. Uma história de mais de 300 anos de relação de poder, violência e injustiça. Uma história de brancos colonizadores e negros escravizados. Uma história – mal contada – pois que era – é – contada pelos brancos, que continuaram a ocupar os lugares de poder e inclusive o lugar de poder falar sobre essa história de um processo político de desumanização mas que não era contada como tal. Uma página triste da história do Brasil – cheia de lacunas, memórias encobridoras, distorções - que, segundo se aprendia na escola, ficou no passado. Afinal brancos e negros são iguais e só tem a cor da pele diferente. Mas porque então uma Bailanta para Morenos? Porque eles não se sentem bem de irem aos clubes dos brancos. Preferem o clube deles, era a resposta para a pergunta lá na década de 60. Estranho, afinal não tinha escrito em lugar nenhum, Bailanta dos Brancos.

Bem, talvez vocês, também achem estranhas essas coisas que estou contando, mas parafraseando Fanon, um importante autor – negro, nascido na Martinica, filósofo - “Com toda a serenidade, acho que seria bom que certas coisas fossem ditas”. E olha



que ele disse isso em 1952. Foi num livro lançado na França, que depois, no início da década de 60 foi publicado em Portugal, mas proibido, recolhido e mantido ausente por cerca de 50 anos. Porque conto isso? Para introduzir um ponto sobre o qual ainda vamos ter que falar bastante, que é o silêncio – o silêncio imposto, como diz Grada Kilomba - vocês precisam conhecê-la. Ela escreve, em seu incrível livro Memórias da plantação (2019) sobre “Uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos”. Ela vive em Berlim, mas tem soltado sua voz por diferentes países e se ocupado de ações que visam criar um senso de humanidade, num mundo que tão assustadoramente repete e normaliza a violência. Temos intelectuais negros brasileiros – como Silvio Almeida, Djamilia Ribeiro, Conceição Evaristo e muitos outros – que também tem soltado sua voz, e marcado o ‘lugar de fala’ dos negros e assim, convocado quem os escuta, a prestar mais atenção na questão do racismo.

O racismo é uma violência que tem sido negligenciada. Por muitos negada.

E é preciso que vocês, cedo compreendam, que essa violência de discriminar e desrespeitar os que não são brancos é coisa muito séria e precisa do olhar branco. Porque falo em olhar branco? Porque no Brasil, muito se fala em beleza da miscigenação, liberdade, igualdade e ausência de racismo, mas nós os brancos desse país, não costumamos olhar e ter consciência do privilégio de sermos brancos – não precisamos escrever na porta de nossos clubes que eles são só para brancos, mas nos acostumamos a estar entre brancos. No mundo da Psicanálise, por exemplo, ao qual vocês sabem, eu pertencço há muitos anos, isso também acontece. Tem ausência de negros e tem ausência de referências/autores negros. E elas existem. Neusa Santos Souza, por exemplo, só para citar um nome, publicou o livro Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social, que é uma leitura obrigatória para os estudos sobre negritude e racismo no Brasil. E assim acontece, também, em outras profissões.

Como isso ficou tanto tempo sem ser percebido? Nos acostumamos a ver os negros em posições pouco valorizadas ou sempre voltando para o lugar deles – que não é no clube dos brancos. Isso tudo é muito complexo e nós vamos precisar conversar muito sobre esse assunto e olhar para nós mesmos, reconhecer nossos pensamentos e comportamentos em relação a tudo isso. Vamos precisar estudar muito, também, porque assim como os negros precisaram se ocupar de reconhecer e amar sua negritude – amar sua negritude é uma expressão de Bell Hooks, outra autora incrível, americana, nascida em 1952 (ano em que Fanon lançava seu livro Pele negra, máscaras brancas) estudiosa de raça, gênero, classe e relações opressivas, com ênfase em temas como arte, história, feminismo, educação e mídia de massa) com quem temos muito aprender, com quem Grada Kilomba e outros autores que são referência nessa luta contra o racismo, aprenderam. Nós brancos precisamos reconhecer nossa branquitude. Reconhecer a Supremacia branca - isso que nos coloca num ponto de partida sempre diferente e superior ao negro e que precisa ser encarada de frente. Reconhecer e aceitar essa diferença é um ponto de partida necessário enquanto trabalhamos para erradicar a supremacia branca.”

Porque erradicá-la? Porque sair desse lugar de privilégio? Porque esse lugar – que é de uma minoria – além de manter a dominação e submissão, a instaura dentro de cada um que faz parte desse todo. E assim, normaliza o desrespeito às diferenças de raça,



de gênero e de classes. Aliás, esses três pontos são indissociáveis.

Me ocorre que vocês podem pensar – mas nós respeitamos essas diferenças e nem somos racistas. Acreditem, nós vivemos numa sociedade racista. E não existe meio termo. Como diz Fanon, uma sociedade é ou não é racista. Não podemos seguir negando a existência do racismo para que possamos evoluir enquanto nação e, enquanto gente mesmo, como diz Grada Kilomba

E como hoje não posso me alongar muito nesse escrito, termino dizendo que assim como eu, vocês também chegaram e fazem parte de uma sociedade racista e isso nos habita. Mas que assim seja, não nos tira a responsabilidade de sermos antirracistas. É preciso desnaturalizar a violência – e todo, absolutamente todo e qualquer racismo é violento.

Janete Rosane Luiz Dócolas, Psicanalista

Primavera de 2021

